

Bloco de Notas

Os falhanços diplomáticos dos EUA

O antigo secretário de Estado adjunto dos EUA, James Rubin, analisa, no último número da *Foreign Affairs*, os falhanços americanos na gestão diplomática da guerra no Iraque. Rubin identifica quatro razões principais: 1) a justificação da Administração Bush para a guerra “parecia mudar em função das ocasiões”; 2) os EUA não conseguiram sincronizar as vias diplomática e militar; 3) os EUA não previram a hipótese de Saddam vir a cumprir parcialmente as exigências da ONU, o que se revelou “desastroso para a estratégia de Washington”; 4) os esforços para conseguir uma segunda resolução da ONU podiam ter resultado se os EUA tivessem aceite adiar o fim do ultimato por mais algumas semanas. Mas na base da ausência de apoio internacional aos planos de guerra está sobretudo, na opinião de Rubin, “a retórica e o estilo” utilizados pela Administração Bush, que em vez de atrair apoios tiveram o efeito oposto. Um exemplo desta má gestão foi a forma como Washington tratou o chefe dos inspectores de armamento da ONU no Iraque, Hans Blix: segundo Rubin, o vice-presidente Dick Cheney chegou a ameaçar Blix – “não hesitaremos em desacreditá-lo”, terá dito – se as conclusões deste sobre o armamento proibido de Saddam não confirmassem as acusações americanas. 



Tensões no Exército paquistanês

Existe crescente clima de tensão no Exército paquistanês, avisa o site da *Asia Times Online*. Desde os atentados de 11 de Setembro nos EUA, “o Exército, sob o comando de [Presidente] Musharraf tem sido forçado a tomar decisões que dividiram seriamente as forças armadas”. Habitualmente com uma grande influência na vida política do país, o Exército do Paquistão tem um elevado número de elementos com simpatias islamistas – nomeadamente com relações próximas com a Jamaat-i-Islami, o principal partido islamista do país. Quando chegou ao poder, Musharraf incentivou esta tendência, escreve Syed Saleem Shahzad, colocando militares profundamente religiosos em posições importantes. “Agora os tempos mudaram”, explica Shahzad. “[Musharraf] está a inverter essa tendência [...] e a favorecer rostos novos, mais flexíveis – rostos supostamente mais aceitáveis para os EUA”. Esta política está a criar fortes inimigos do Presidente entre os militares. E a recente decisão de Musharraf de enviar 10 mil tropas para as regiões curdas do Norte do Iraque só pode agravar a situação, avisa a *Asia Times Online*. 



A França e a Costa do Marfim

O processo desencadeado por um juiz antiterrorismo francês contra o ex-golpista da Costa do Marfim “IB” – Ibrahim Coulibaly – teve o efeito de uma bomba política neste país, escreve a *Jeune Afrique l'Intelligent*, sublinhando que o papel da França na região está novamente a provocar polémica. O partido do Presidente Laurent Gbagbo, a Frente Popular da Costa do Marfim (FPI), está a usar este assunto como arma política, acusando o primeiro-ministro Seydou Diarra de ser “culpa-do e cúmplice” de um *complot* desencadeado pela França. O FPI está em guerra aberta com Diarra, explica a revista, depois de, num discurso à Nação a 19 de Agosto, o chefe do Governo “ter ousado sair da sua lendária reserva para exigir a Gbagbo os poderes necessários para avançar com o seu programa de ‘reconciliação nacional’”. Esta reconciliação parece cada vez mais ameaçada e muitos no país receiam o retomar dos combates. 



A ameaça Jemaah Islamiyah

A Jemaah Islamiyah (JI), a organização islamista baseada na Indonésia e considerada responsável pelo atentado de Bali e pelo recente ataque contra um hotel de Jacarta, continua activa e perigosa, afirma o *International Crisis Group*. Apesar de mais de 200 suspeitos de ligações à JI estarem detidos na Indonésia, Malásia, Singapura e Filipinas, o grupo “está longe de ter sido destruído”. Os interrogatórios dos suspeitos indicam que a JI é uma organização maior do que inicialmente se pensava e que, apesar de ter recebido fundos da al-Qaida, tem um elevado nível de independência e toma a grande maioria das decisões operacionais a nível local. Um elemento novo que começa a emergir, salienta o ICG, é o papel desempenhado pelas mulheres. “A JI é uma rede que se mantém unida não apenas pela ideologia e treino, mas por uma intrincada rede de casamentos, que por vezes a fazem parecer uma enorme família”. Segundo o relatório, em muitos casos os líderes da JI arranjam os casamentos dos seus subordinados com as suas próprias irmãs ou cunhadas para manter a rede segura. 

